

Melhora eficácia de vacina do HIV

Uma vacina contra o HIV testada em 2009 na Tailândia foi objeto de estudo novamente pelos seus criadores. À época, apesar de considerada **promissora**, ela causou problemas de infecção em uma parcela dos voluntários. Agora, os cientistas descobriram

que há um grupo específico de pessoas que são beneficiadas pela terapia e que, no caso delas, o potencial imunizador gerado subiu mais que 80%. Ao analisar 760 participantes do primeiro estudo, os cientistas descobriram que os pacientes

Experimento inédito

Chamada de RV144, a vacina foi testada em 2009 em 16 mil adultos. Chamado de ensaio tailandês, o trabalho foi o primeiro a conseguir reduzir o risco de infecção pelo HIV mediante a ação de uma vacina. Ao examinar amostras de sangue dos imunizados para analisar as respostas imunológicas, os cientistas descobriram que os diferentes tipos de respostas dos anticorpos estavam relacionados com o nível de infecção do HIV.

que reagiram melhor à vacina tinham uma variação específica no sistema antígeno leucocitário, o HLA, que regula a produção de anticorpos. São genes presentes nas células T que iniciam uma resposta imune. Nesse caso, é a produção de anticorpos após a

vacinação”, explica o Correio Rasmi Thomas, pesquisadora da Seção de Genética do Instituto Walter Reed de Pesquisas do Exército e uma das autoras do trabalho.

Segundo Rasmi Thomas, as pessoas podem ter variantes distintas do HLA e, assim, apresentar diferentes respostas imunes, o que causa efeitos variados sobre a eficácia. No caso dos mais beneficiados pela condição, a taxa de proteção chegou a 71%, contra 31% do outro lado comparativo.

De acordo com a equipe, os

resultados podem ajudar a orientar o desenvolvimento de vacinas, além de reforçarem a importância de definir melhor os perfis de grupos que podem ser beneficiados por formulações protetivas.

“A principal implicação desse estudo é que existem diferenças nas respostas induzidas pela vacina em indivíduos com um alelo HLA particular. Quem tem esse alelo deve ser examinado ainda mais para entender o mecanismo de proteção. Não é mais como uma agulha no palheiro”, acree-

ta Rasmi Thomas. (VS)